



A ARTE RUPESTRE DO CASTRO DE SÃO JURGE (RANHADOS – MÊDA)

A Câmara Municipal de Mêda deu à estampa, este ano de 2014, o livro, de António do Nascimento Sá Coixão, intitulado *A Arte Rupestre do Castro de São Jurge (Ranhados – Mêda)* [ISBN: 978-972-97949-3-3].

São 126 páginas em formato A4, profusamente ilustradas, em que, partindo de elementos fornecidos por Luís de Pina e Adriano Vasco Rodrigues, o autor dá conta dos resultados obtidos através da escavação sob sua orientação levada a efeito no Castro de São Jurge (ou Castelo Velho), local onde a tradição tem vindo a situar, em tempo de Romanos, a *civitas Aravorum*. Sítio habitado desde o Calcolítico até ao período romano, não faltando vestígios da época proto-histórica (Bronze Final e Idade do Ferro).

No entanto, o tema principal do volume é o «cuidadoso inventário, georeferenciado e o respectivo registo gráfico e fotográfico» de 84 painéis, «tendo por suporte rochas e estelas decoradas com *fossettes* ou covinhas, podomorfos, serpentiformes e outras raras representações», como esclarece o Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva no prefácio 2.

Depois de se explicar o que são covinhas «em contexto de arte rupestre», fala-se da sua ocorrência pelo País e pela Europa do Norte e Itália e assinala-se o que, nesse âmbito, também se encontrou, até ao momento, no concelho de Vila Nova de Foz Côa.

O capítulo «Buscas e rebuscas do património arqueológico de S. Martinho de Ranhados» é, de certo modo, pretexto de abertura para inclusão dos vestígios que a investigação deu a conhecer em Ranhados, nomeadamente no chamado Castro de S. Jurge: a sua arte rupestre.

Importa frisar que Sá Coixão não se cinge ao tema enunciado no título da obra, porque, a talhe de foice, não hesita em incluir outra documentação de interesse histórico-cultural. Assim, para além de uma imagem de duas páginas dos ‘apontamentos arqueológicos do médico Luís de Pina’, datadas de 1931, insere a fotografia de uma curiosa estátua de S. Jurge a apontar o ouvido com a sua mão direita, para indicar que é ele o taumaturgo das otalgias, como, aliás, o documenta a tábua de milagres, também ilustrada, segundo a qual «Teotónio de Sousa, da freguesia de Ranhados, estando molestado com uma moléstia dos ouvidos e implorando o patrocínio do mesmo santo, se achou melhor, no ano de 1846».

José d’Encarnação

Publicado em *Notícias de Freixo de Numão*, nº 294 (Jan/Fev 2015), p. 4.